



RELATO DE ATIVIDADE: MAPA SUBVERSIVO E PRODUÇÃO COLABORATIVA NO JUVENTUDE OKUPA A CIDADE

SUBVERSIVE MAPPING AND COLLABORATIVE PRODUCTION
IN YOUTH OCCUPYING THE CITY

Michel Montandon de Oliveira*

Resumo

Este relato de atividade versa sobre a criação de um mapa subversivo da região metropolitana de Belo Horizonte por meio da colaboração de agentes jovens que participaram do 5º evento a Juventude Okupa a Cidade. A prática se ampara na metodologia dos processos educomunicativos e dialoga com as teorias sobre linguagem, de Bakhtin, e de juventude, de Dayrell e Carrano. O resultado da ação é um mosaico formado por diversos gêneros lingüísticos próprios da juventude, como o píxo e o grafite, que nos apresentam uma visão social, política e cultural de parte da juventude urbana.

Palavras-chave: mapa subversivo; produção colaborativa; juventudes urbanas.

Abstract

This speech reports the creation of a subversive map of the metropolitan region of Belo Horizonte through the collaboration of young agents who participated in the 5th event Youth Okupa City. The practice is sustained by the methodology of media education, and also dialogues with the theories of language, by Bakhtin, and youth, by Dayrell and Carrano. The result of the action is a mosaic made up of several linguistic genres characteristic of Brazilian youth, as píxo and graffiti, and help building a social, political and cultural vision from a small part of urban youth.

Keywords: subversive map; collaborative production; urban youth.

“(...) Bata logo essa chapa/Instagram pra denunciar/Lhe lasco a Tag na testa/E Hashtag pra acompanhar/Um bomb e um trauape/Da ponte, de lá pra cá/Do que contra este cinza/Que a Kombi mandou buscar/Nem ministro ou a presidente/Com a cena vão concordar/Chega a dar vergonha alheia/Mapeia de se rasgar/Coloquei a melhor roupa/E as criança mandei chamar/Não me deixa comer cinza/Que a Kombi mandou buscar (...)”

(DOUM – CRIOLLO)

A região metropolitana de Belo Horizonte [1] engloba 34 municípios e aproximadamente 9.460 quilômetros quadrados. Vivem, convivem, sobrevivem nessa área aproximadamente cinco milhões de pessoas, sendo, assim, uma das grandes conurbações da atualidade. O território, representado muitas vezes em mapas escolares utilizando-se de elementos estéticos primários – traços, círculos, cores chapadas –, é na realidade uma sobreposição incontável de camadas que passam pela formação geológica, hídrica e atmosférica; a vida vegetal e animal; intervenções antrópicas; construções humanas de diversas sortes que, juntas, criam uma identidade singular a cada região. O ato de ir e vir das pessoas, o acesso ao trabalho e aos aparelhos públicos de transporte, saúde, educação, cultura são fluxos comuns às megalópoles, onde a população cria e recria seus modos de existência. O sentimento de pertencimento se dá na relação da população com o meio ambiente, “o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (SANTOS, 2000, p. 96). As ruas, avenidas, viadutos, são padrões típicos das grandes cidades, sendo destinados à circulação de pessoas e de bens de consumo, são artérias abertas da construção da pólis. O imaginário urbano se forma e transforma a partir da interação constante entre todos esses elementos.

Fazer política além das fronteiras: era este o desafio proposto para o 5º Juventude Okupa a Cidade – evento realizado pelo Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte, organização criada em 2004 e formada por uma rede de grupos, movimentos, entidades e ativistas que atuam na mobilização de jovens em torno da construção de políticas públicas inclusivas e democráticas (FÓRUM DAS JUVENTUDES, 2016). Entre as instituições responsáveis pelo Fórum estão: Associação Imagem Comunitária, Bloco das Pretas, Brigadas Populares, Coletivo Cabeçativa, Coletivo Na Raça, Conexão Periférica, Internet sem Fronteiras – Brasil, Instituto Tucum, Observatório da Juventude da UFMG, Oficina de Imagens.

O quinto evento a Juventude Okupa a Cidade estava marcado para abril de 2014. As ondas difusas das jornadas insurgentes de junho de 2013 e a aproximação da data da Copa do Mundo de 2014 reverberavam

[1] Dados Vetoriais RMBH (PBH). Disponível em: <<http://www.agenciarmbh.mg.gov.br/rmbh-e-colar-metropolitano/>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

<<http://www.agenciarmbh.mg.gov.br/rmbh-e-colar-metropolitano/>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

[2] Equipe Emtíálogo do primeiro semestre de 2014 – Shirlei Sales (coordenação), Michel Montandon (coordenação adjunta), Aline Ferreira, Guilherme Lacerda, Helen Cristina do Carmo, Henrique Cosenza, Lucas Coimbra, Luiza Alcântara, Marilda Fernandes, Priscilha de Oliveira e Roberto Cotta (bolsistas).

[3] Do inglês “etiqueta”. Segundo o dicionário do Hip Hop “la más simples de las expresiones gráficas procedentes de Nueva York, su estilo va, desde la extrema sencillez hasta lo ilegible”. Disponível em: <<http://www.rimador.net/vocabulario-hip-hop.php>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

no imaginário sociopolítico do país. A proposta dos organizadores do Okupa era trazer o máximo de agentes jovens de Belo Horizonte, principalmente das cidades satélites, para discutir e propor políticas para a juventude periférica urbana em um evento que englobaria intervenções artísticas, shows, saraus e uma aula aberta sobre o recém-lançado Estatuto da Juventude, lei que garante os direitos da população jovem no país e que entrou em vigor no dia 2 de fevereiro de 2014. O local seria uma antiga fábrica de tecidos transformada em centro cultural localizada no centro geográfico da cidade.

O Portal Emdiálogo [2], braço do Observatório da Juventude, programa de pesquisa, ensino e extensão da faculdade de educação da UFMG, já havia firmado parceria com o Fórum nas edições anteriores. Na ocasião, fomos convidados a produzir uma intervenção colaborativa nos parâmetros do tema do evento. Foram realizadas três reuniões prévias, na sede da Associação Imagem Comunitária, para a definição de nossa proposta de participação. A partir da definição do tema, “fazendo política além dos limites”, optamos por criar um mapa subversivo e colaborativo da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), no qual todos os participantes do evento pudessem deixar sua marca, tag [3], recado, poesia, manifesto, ilustração.

Para a confecção do mapa, foram utilizadas folhas de papelão ondulado – aproveitadas de caixas de eletrodomésticos. O material foi tratado com três demãos de tinta acrílica branca. Depois de seco, utilizamos



Img. 1 Mapa no início do evento com detalhe do material fornecido. Fonte: CC BY-SA. | Foto: upslon

um *datashow*, em uma sala escura, para projetar o mapa da RMBH (retirado do Google Maps) para desenhamos, por aproximação, as principais vias de acesso rodoviário, ferroviário e cursos-d'água da região. O acabamento foi feito com canetas de tinta, tipo marcadores, de diversas cores, resultando nove placas de aproximadamente 1 x 1,20 metro, cada uma, que formavam um mapa de 3 x 3,60 metros. As cidades foram identificadas com um ícone em forma de gota, muito utilizados em softwares de geoprocessamento. A ideia era que os participantes da atividade pudessem reconhecer e identificar a região de onde vieram e, a partir daí, interferir livremente na superfície. Andar, escrever, desenhar, colar, pichar e grafitar sobre o mapa eram possibilidades da atividade. Nossa equipe forneceu canetas hidrocor e lápis de cera para todos os participantes, vale lembrar que muitos jovens traziam consigo *kits* de intervenção.

De forma esquemática, foram representadas 16 cidades da região metropolitana e a capital, que ocupa o centro do mapa, as principais vias de acesso rodoviário e ferroviário, assim como os principais cursos-d'água que compõem a geografia da região. Acompanhando o conceito-chave do evento, não foram delimitadas as fronteiras entre os municípios, desse modo o público poderia ter noção das distâncias aproximadas, dos muros imaginários, dos abismos sociais que separam uma cidade da outra. A região central da cidade de Belo Horizonte, delimitada pelo traçado circular da Avenida do Contorno, pode ser facilmente identificada no centro geográfico do mapa. Essa região, planejada nas linhas dos engenheiros no final do século XIX para ser o

Img. 2 Interação e detalhe do mapa. Fonte: CC BY-SA.
Foto: upslon



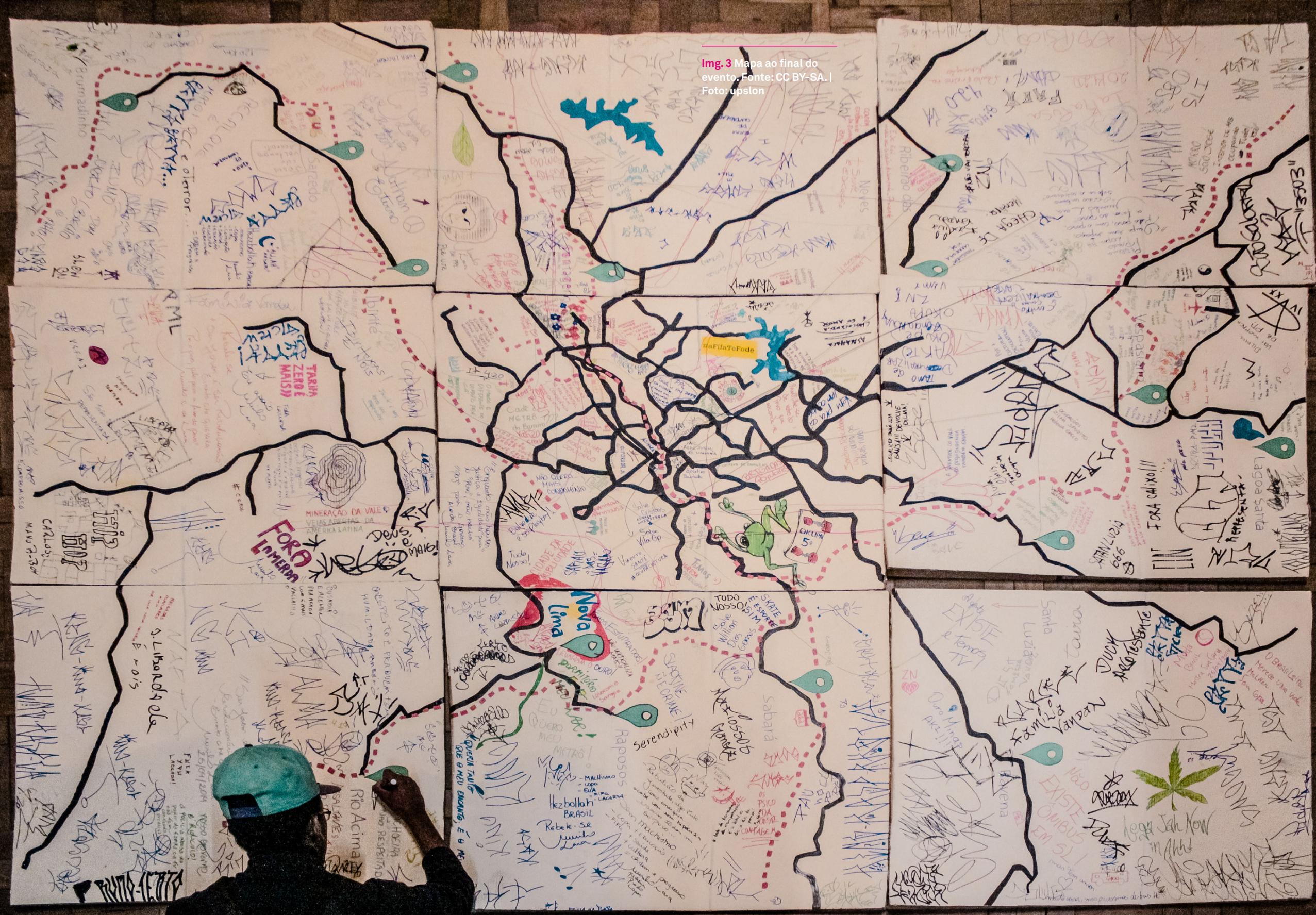
limite da cidade, ainda hoje abriga a maioria dos aparelhos públicos de saúde, lazer e cultura.

Cartografias colaborativas, criações subversivas

O termo cartografia subversiva está ligado ao processo de apropriação crítica e ressignificação de modelos cartográficos padrões, hegemônicos e predominantes (SEEMAN, 2012, p. 140). Para o mesmo autor, essa abordagem não precisa ter necessariamente precisão matemática ou geológica e está mais ligada a uma reconstrução sociocultural, poética ou artística de um espaço físico em algum meio. Os mapas e suas diversas utilidades não estão desatrelados de uma função política ideológica, pois ao longo da história a cartografia foi utilizada com fins militares e de dominação de territórios, “a conquista e organização dos espaços se tornou parte integrante do projeto de modernidade” (FRANCO, 2012, p. 118). Na visão de Franco, a utilização da cartografia subversiva como ferramenta pedagógica deve ser vista como um processo contínuo, de construção dialógica, aliado a parâmetros como modos de representação, métodos de produção, experimentação de linguagens e momentos que delimitem o contexto da produção (FRANCO, 2012, p. 146).

A dimensão pedagógica e colaborativa da construção do mapa se amparou na metodologia da educomunicação. Os processos educomunicativos têm como objetivo integrar as práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação (SOARES, 2011, p. 17) e propiciar ambientes lúdicos e dialógicos para a (re)criação e (re)significação dos ecossistemas comunicativos. Na atividade do mapa, procuramos criar um ambiente propício às manifestações de diferentes ideias, levando-se em conta a multiplicidade cultural e semiótica das juventudes urbanas e as formas pelas quais elas se comunicam (ROJO; HELENA, 2012, p. 13).

Os campos da comunicação humana são mediados pela linguagem, sejam eles políticos, culturais, artísticos. As formas de utilização da linguagem se dão por meio de enunciados, os quais, por sua vez, estão ligados a infinitas formas estilísticas que seriam os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 261). Os gêneros do discurso refletem as individualidades, visões de mundo, singularidades e universalidades dos sujeitos. Sendo assim, os processos de construção das linguagens são fenômenos sociais, culturais, interacionais não estanques, moldados e hibridizados de acordo com as características de cada lugar. Dayrell e Carrano nos dizem que “os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 119). A linguagem escrita, do grafite, do pixo e sua dimensão simbólica e expressiva, tão



características ao ambiente urbano brasileiro, podem ser considerados gêneros discursivos e formas legítimas de expressão juvenil, assim como a dança e a música (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 115).

O que está representado nos enunciados, por meio de grafismos, desenhos, intervenções em geral, reflete o modo de perceber de certos grupos da juventude urbana e periférica em relação à cidade. O dialogismo acontece na interação entre os diferentes enunciados impressos sobre o mapa. A tensão é inherente ao dialogismo, “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 297) e emerge nas manifestações, de cunho político-social, deixadas pelos jovens.

Na superfície do mapa, é possível identificar referências à cultura Hip Hop, como no traço das letras desenhadas e em algumas ilustrações. Nos enunciados, aparecem representações de alguns dos principais movimentos sociais atuantes na grande Belo Horizonte no momento da realização do evento, tais quais, “Tarifa Zero é Mais”, “Cadê o metrô do Barreiro?” e “Ciclovias fora da Contorno”, que tratam de questões relacionadas ao transporte público e mobilidade; “Fora Lamerda”, “Fora Calixo” que questionam os poderes executivos das cidades de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves, consecutivamente; “Não vai ter copa” e “#a Fifa te fode!” tratam das populações atingidas pela realização da Copa do Mundo de 2014; “Marcha da Maconha” discute a política de combate às drogas. Alguns espaços geográficos de importância sociopolítica foram também delimitados no mapa, como a mineração da Vale no Barreiro – “Veias abertas da América Latina”; ocupações urbanas como Dandara, Eliana Silva, Rosa Leão, Esperança, Vila, Zilah Spósito, Nelson Mandela, Camilo Torres, Irmã Dorothy e William Rosa tiveram seus territórios marcados no mapa; também apareceram demarcações de espaços de manifestação cultural espontâneas da juventude, como o Viaduto de Santa Tereza, “#Okupacultura”, “Sarau Vagau”.

No momento da atividade, a apropriação por parte do público aconteceu com muita naturalidade. As principais surpresas dos participantes se davam pela dúvida se sua região de origem estaria de fato representada no mapa, uma vez que muitos consideravam morar bem longe dali.

Depoimento 1: Moro numa quebrada muito longe daqui, vai ver que estou fora do mapa.

Depoimento 2: Vivemos em uma cidade dormitório, as pessoas trabalham em Belo Horizonte e passam a maior parte do tempo no ônibus.

Depoimento 3: Sinto-me mais próximo do centro de Belo Horizonte, apesar de morar em Contagem.

No momento de localização por aproximação, utilizando as coordenadas geográficas e, como referência, as principais vias de acesso rodoviário ou ferroviário, muitos participantes ficaram surpresos com as dinâmicas da cidade, com as distâncias e proximidades. Eram comuns expressões de espanto diante da constatação do pequeno tamanho da Avenida do Contorno em relação a toda região metropolitana, por exemplo. Para outros, o estranhamento se deu ao perceber que o Lago Várzea das Flores, localizado também na região metropolitana, parecia ter um volume bem maior que a famosa Lagoa da Pampulha.



Img. 4 Plano geral do evento 5º Juventude Okupa a Cidade. Fonte: CC BY-SA | Foto: upslon

Concluindo

O resultado do 5º Juventude Okupa a Cidade foi positivo e reverberou, e reverberará, por muito tempo. Centenas de jovens de diversas regiões de Belo Horizonte e da grande BH passaram pelo local para aprender, discutir, propor, atuar em prol de políticas públicas inclusivas no que tange ao direito dos jovens. O mapa subversivo realizado de forma colaborativa traçou um breve instantâneo de como parte dos jovens da RMBH se expressam e dialogam por meio da linguagem escrita e pictográfica, utilizando-se de signos linguísticos típicos às grandes metrópoles, muitas vezes atuando como suporte para mensagens de cunho social e político. Num breve recorte espacial e temporal, o local onde foi realizado o evento fica exatamente no centro geográfico da cidade e, por conseguinte, do mapa; durante algumas horas de uma noite de outono, os jovens foram estimulados a deixar sua marca na superfície do mapa.

O texto introdutório deste relato de experiência remete à música Doum, do rapper Criolo. A letra faz alusão a uma prática comum, de pretensão higienista, realizada pelo departamento de meio ambiente da cidade de São Paulo. A ação consiste em cobrir as pichações e grafites com tinta cinza, sendo que o critério do que deve ser mascarado ou não fica por conta dos próprios funcionários da prefeitura. Ao tentarmos construir um mapa subversivo da região metropolitana de Belo Horizonte por meio da colaboração dos mesmos jovens que muitas vezes escrevem e colorem os muros da cidade com sua arte, pretendíamos fazer exatamente o oposto do descrito na música, nosso objetivo era descontaminar o cinza e deixar transbordar o que as canetas, sprays e rolos de tintas nos tentam revelar no diagrama da cidade. Do ponto de vista estético, temos uma peça que reflete, de certo modo, a imagem que utilizamos de modelo. O mapa espelha a visão de cidade dos jovens. Nos traços às vezes tortuosos, às vezes precisos, da juventude urbana, existem mensagens e discussões de cunho político, social, cultural; existem marcações de espaços de lutas que muitas vezes estão à margem da cartografia escolar tradicional e que dizem muito a respeito do modelo de governança que a cidade pratica. Um modelo que ouve pouco e criminaliza ou marginaliza determinados grupos e práticas.

REFERÊNCIAS

- ARREGUY, Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Leste.** Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008. 58 p. : il. ; 21 cm. Produzido pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/LesteCompleto.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega a escola. In: Dayrell, J. Carrano, Paulo. Maia, C. L. (Org.). **Juventude e Ensino Médio.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FÓRUM DAS JUVENTUDES DA GRANDE BH. **Quem somos.** Disponível em: <<http://forumdasjuventudes.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- FRANCO, Juliana de O. Rocha. Cartografias subversivas e geopoéticas. **Revista Geografares**, n. 12, p.114-137, jul. 2012.
- LIMA, R. P. **Mídias comunitárias, juventude e cidadania.** Ed. revista e atualizada. Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária, 2006.
- ROJO, R.; HELENA, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.
- SEEMANN, Jörn. Subvertendo a Cartografia escolar no Brasil. **Revista Geografares**, n. 12, p.138-174, jul. 2012.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. Ismar de Oliveira Soares. São Paulo: Paulinas, 2011.

***Michel Montandon de Oliveira** é servidor técnico do setor de editoração eletrônica da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ e coordenador do projeto de extensão VAN Educomunicativa. É mestre em Estudos de Linguagens pelo Cefet-MG (2014). Graduação em Comunicação Social pela PUC Minas (2001). Experiência na área de educação, com ênfase em comunicação, linguagem, tecnologia e sistemas adaptativos complexos. Experiência como articulador, atuando na tessitura de redes entre jovens estudantes e professores do ensino médio público.

Contato: michelmontandon@ufs.edu.br